

Nuno Ramalho & Renato Ferrão

Interrogar um obstáculo

SANDRA VIEIRA JÜRGENS | sandravieirajurgens@gmail.com

Com um percurso artístico individual, Nuno Ramalho e Renato Ferrão partilham por vezes a concepção de projectos e exposições. Em “Estúdio”, título que dá nome à sua apresentação conjunta na Fundação Carmona e Costa (até 22 de Janeiro 09), reúnem um conjunto de propostas realizadas a partir da apropriação de uma imagem/acontecimento encenado em torno da ideia de estúdio/atelier. Os trabalhos que constituem registos, exercícios que se desdobram sobre a abrangência do desenho, da representação, da ocultação, observam-se como apontamentos fragmentados que interceptam diferentes temporalidades e realidades espaciais.

arqla: Paralelamente ao vosso percurso individual desenvolvem projectos em colaboração. Podem explicar-me quando e como é que se desenvolveu esta colaboração e quais foram as motivações iniciais?

Nuno Ramalho & Renato Ferrão: Fomos colegas na Faculdade de Belas Artes do Porto, no curso de Escultura, mas o nosso contacto nessa altura não era muito estreito. A nossa primeira colaboração aconteceu em 2004, a propósito de uma exposição no Salão Olímpico, no Porto. Não temos muito claro como é que essa colaboração se iniciou. Sabemos que tínhamos um respeito e curiosidades mútuos em relação ao trabalho que desenvolvíamos individualmente, bem como interesse em experimentar formas de abordagem diferentes daquelas que se inscreviam num percurso individual. Não foi tanto a necessidade de simplesmente desafiar a noção de autoria, seguramente não fomos atraídos pelos critérios programáticos muito definidos que víamos ou vemos a acontecer à nossa volta, quando se fala em duplas ou mesmo em colectivos; tratou-se mais de uma vontade de encontro, de experimentação. Alguma coisa capaz de despoletar resultados afastados daquilo que seria um temperamento particular, conhecido, e que o Salão Olímpico punha a possibilidade de pôr em prática. Os resultados dessa necessidade de colaboração artística inicial pareceram-nos suficientemente interessantes e estimularam o prolongar dessa primeira experiência noutras que se lhe seguiram.

arqla: Na visita guiada pública que fizeram à exposição “Estúdio”, que se pode ver na Fundação Carmona e Costa até 22 de Janeiro 09, houve um momento particularmente interessante, quando em relação à vossa colaboração resumiram que existia um artista, “Ferrão / Ramalho”, do qual gostavam de ver o trabalho.

NR&RF: A sucessão de oportunidades em que a conjugação de alguns factores sugeria um projecto criado em conjunto promoveu um movimento “exótico” inerente aos trabalhos. É isso que nos permite olhar para trás a cada vez com a sensação de que começamos a encontrar possibilidades de interrogar linhas de leituras sobre a obra de um artista que efectivamente não é um indivíduo, mas antes múltiplas formas de diálogo, expansão e síntese. Logo, há uma espécie de carga que é suavizada, abrindo espaços para que outras coisas, eventualmente novas, aconteçam. Isso é muito aliciante, já nessa fase. Por isso, há um aspecto muito interessante na forma como os resultados dessas experiências nos estimulam. De facto, trata-se do querer ver o que vai acontecer a partir dali, do nosso encontro. Em cada um deles. Há um gozo único, mesmo quando as coisas não

correm tão bem, ou quando poderiam ser ajuizadas dessa maneira, que também impele a necessidade de sermos os dois testemunhas e agentes de um processo que é de trabalho, mas cujos contornos são efectivamente outros. É um trabalho, sempre por acontecer, que apenas se dá em “Ferrão / Ramalho”, e que de certo modo se torna vício.

arqla: E o que é vos predispôs a trabalhar esta ideia de “Estúdio”? Falem-me um pouco da génese deste trabalho. Na primeira sala deparamo-nos com um cartaz fotocopiado em grande formato onde vemos a imagem de um grande armazém de móveis usados onde um grupo de artistas encena uma sessão de desenho de observação. Essa imagem que acaba por estar sempre presente ao longo do percurso expositivo, foi por assim dizer o vosso ponto de partida?

NR&RF: De certa forma, foi. Mas não se tratou de um grau zero, passamos por vários ensaios até chegarmos ali que foram essenciais na estrutura do que seria a exposição. Mesmo o atelier/estúdio, o espaço físico para desenvolver trabalho que nós não tínhamos e continuamos a não ter, foi uma sugestão de desbloqueio daquilo que tínhamos pela frente, que era uma abordagem ao desenho. No nosso percurso, isso era uma coisa inédita, pelo menos proposta de forma tão clara. Aí, a encenação no armazém resulta claramente no motor visível da exposição, mas ele acontece através de uma série de ocorrências. No fundo, encontramos três momentos: o nosso próprio estúdio, criado a pretexto da exposição; o local onde inscrevemos uma acção através de outros artistas, que encenam a sessão do registo e são por sua vez objecto de análise de um outro artista, por nós dirigido também, que executou as fotografias; e, finalmente, o espaço da Fundação Carmona e Costa, onde voltamos a ensaiar alguns elementos inscritos num imaginário em torno da ideia de estúdio. Falta aqui o momento posterior, do encontro dos outros com o nosso trabalho... São momentos atravessados por questões sugeridas pelas qualidades do fazer, da produção. No fundo, estávamos essencialmente a criar momentos preparatórios, em articulação, cuja face visível vai resultar na imagem que indicas, ou melhor, no conjunto dessas imagens. De outro modo: voltando ao estúdio, ao espaço físico que resolvemos usar, o engendrar desse local e a sua frequência mais ou menos intermitente não foi suficiente para que começássemos a fabricar um trabalho. Outro tipo de agenciamento era necessário. A profusão de espaços como o que encontramos para a nossa “encenação”, verdadeiros purgatórios de objectos ou limbos (com tudo o que isso implica também dentro do contexto local que enforma a nossa produção, as realidades da cidade e do país e, mais ao largo mas de igual modo relevantes, do mundo), como gostamos de lhes chamar, pareceu rico e suficientemente sugestivo em relação ao elemento desenho, com o qual tínhamos de lidar. O encanto desse espaço, as suas características arquitectónicas, a disposição por um lado organizada por outro heteróclita dos objectos foram motivantes para uma abordagem que de certa forma, não linear, espelhava modelos para pensar uma possibilidade de actuar no nosso próprio estúdio, desdobrada na acção dos nossos ‘intérpretes’ no armazém, que finalmente resultou no conjunto de imagens que vê na exposição.



Nuno Ramalho & Renato Ferrão, "Navegação à vista IV", 2009. Fotocópia s/ papel. Dimensões variáveis. Fotografia: Nuno Moreira Inácio



Nuno Ramalho & Renato Ferrão, "Intervalo", 2009. Tinta da china s/ impressão a jacto de tinta. 40 x 58 cm. Fotografia: Nuno Moreira Inácio

arq|a: Se o campo mais comum da vossa prática tem sido a escultura, este convite da Fundação Carmona e Costa, que tem uma programação associada ao desenho, permitiu-vos certamente enfrentar outras questões de trabalho. Ainda assim o conceito de desenho tem uma abrangência, uma extensão, que não se limita à sua definição tradicional. Que tipo de realidades vos interessou trabalhar?

NR&RF: Pois, o tradicional é pouco connosco, mesmo se na superfície das obras que produzimos assim parece... Se habitualmente o *acto* de desenhar – activar por linguagens um pensamento, eventualmente fixando-o num suporte físico – pode ser um momento iniciático dos trabalhos, neste caso, e de certo modo de uma forma inédita para nós, o desenho era proposto como ponto de chegada. Uma possível coincidência entre esses dois momentos (ponto de partida e ponto de chegada) produziria,



Nuno Ramalho & Renato Ferrão, “Vigia”, 2009. Tinta da china s/ impressão a jacto de tinta. 39 x 26 cm. Fotografia: Nuno Moreira Inácio

a nosso ver, um resultado cuja abordagem se iria encerrar em limites bem delineados e conhecidos do tal *fazer desenho*. Pouco mais do que exercícios convencionais poderiam surgir... por outro lado, a reflexão sobre esse movimento (como começar; por onde ir) sugeriu-nos uma atenção especial a todos os passos, sobretudo aos que numa economia de produção se consideram mais invisíveis ou simples, mas que propiciam o sustento de uma continuidade na produção dos trabalhos. Foi desse modo que se sublinhou a necessidade de reter uma série de procedimentos, que podemos chamar de momentos ou situações preparatórios. Este caminho, sem um fim à vista que não fosse o de resultar numa exposição na Fundação Carmona e Costa, colocou-nos numa posição semelhante à de uma navegação, que simultaneamente percorríamos e apropriávamos... O “obstáculo desenho” diluía-se, quer pelo nosso entendimento sobre o que pode estar a flutuar nesse conceito, quer pelo processo de trabalho que estávamos a encontrar. Ambos, agitados por definição. Por isso, a ideia de navegar pareceu tão plausível na nossa condição de artistas confrontados com uma “exposição sobre o desenho”, como no encontro com o espaço/depósito onde viríamos a encenar a aula de desenho; aí, percorrer qualquer caminho significava deambular, vaguear, depararmo-nos com coisas mais ou menos interessantes, por vezes francamente fúteis, um quase lixo, destroços, embora “recheadas” de texturas, passados, histórias e por isso sempre de algum modo vibrantes; outras vezes, surgiam-nos como muito surpreendentes, fomentando questões, possíveis tesouros até: descobertas, portanto. Esta orientação, aparentemente ao sabor da maré mas atenta ao que tinha a força de fixar, tornou clara uma espécie de navegação à vista... digamos que o desenho foi, pois, sussurrando um percurso em que os agenciamentos produziram resultados por vezes previstos mas ancorados em pormenores do acaso. O desenho que trouxemos para a exposição é o plano experimentado e transformado segundo a medida dos acontecimentos - há um mapa que fomos criando e à medida que o usamos ele foi sendo alterado, e de certa forma, desaparecendo para dar lugar a outros. Com todas as realidades daí advindas. Como alguém notou na visita guiada, na exposição há como que uma chegada à praia... será?

arq|a: A vossa exposição também introduz um diálogo bastante interessante entre diferentes registos de produção artística. Se o universo escultórico está presente através da remissão para a imagem deste grande armazém de móveis existe uma série de relações, de passagens e mediações entre a circulação de uma imagem e os registos artísticos que integram o conjunto de trabalhos.

NR&RF: É mesmo assim. Não aconteceu de forma muito calculada, não planeamos os momentos em que essas relações aparecem ou são remetidas para um segundo plano. Esta exposição assenta essencialmente em mecanismos de contaminações várias, instigadas ou não. Atravessamos pelo desenho diferentes vectores, como o espaço, a arquitectura, a fotografia, a escala, a cor, a projecção, a produção, o design dos objectos, uma certa aura arqueológica, temporal, certamente também alguma coisa da ordem do social... e cada um destes vectores é atravessado pelos outros, desdobra-se em novas possibilidades

Mas há igualmente que considerar uma vontade, a nossa, de interceptar o espaço, de o fazer ser parte da exposição, de o trabalhar literalmente sem contudo quase lhe tocar. Tudo conflui para uma dinâmica que se inscreve também no conceito de instalação, e foi isso que procuramos pensar ao ocuparmos as salas daquele espaço, que fica naquele lugar, e que existe sob determinado signo.



Vista Geral da exposição “Estúdio”. Fotografia: Nuno Moreira Inácio

de articulação. Por exemplo, ao tomarmos uma ideia de arquitectura, estamos a pensar obviamente no espaço artificial do nosso estúdio, no armazém onde fomos parar, no espaço da Fundação Carmona e Costa, na montagem da exposição como um todo e nas opções relativas a cada uma das peças em particular, e muito significativamente, no que emerge enquanto estrutura quando um público se confronta com as obras. Uma descrição parecida poderia ser feita se considerássemos outra face deste projecto, mas de uma forma diferente, “de trás para a frente”, partindo de uma obra em concreto... por exemplo, a imagem fotográfica suspensa sobre a qual incide um foco de luz amarela *desenha* uma ideia de projecção. Ao deixarmos esse trabalho em específico e considerarmos o conjunto expositivo, podemos então ser subitamente seduzidos por uma sequência de fotogramas, tal é a forma como as imagens todas estão próximas umas das outras. Então temos outra camada, o cinema, também

reforçado pelas potenciais micro-narrativas que os títulos encerram... E por aí fora. De facto, esta circulação é uma forma de liberdade que quisemos provocar com este projecto, o qual se iniciou com a forma como encaramos o desafio de interrogar um “obstáculo”, o desenho: como é que iríamos ocupar uma posição diferente, que não fosse a de antagonizar ou ostracizar o referente? Aí, a disposição para o trânsito e a agitação tem de ser constante.

arqla: Nalgumas peças deparamo-nos com a ocultação de alguns elementos e a realização de intervenções gráficas sobre as figuras humanas. Na visita guiada referiram a ideia do desenho que apaga a representação. É assim?

NR&RF: Sim. Após todas as situações preparatórias, todos os agenciamentos capazes de gerar acontecimentos que potenciem

uma exposição, no caso de desenho, tendo presente que afinal era um plano de navegação à vista, percurso com momentos a assinalar, situações a sublinhar, já não nos pareceu óbvio que a inscrição do vocabulário tradicionalmente associado ao desenho tivesse funções claras de representação. De certo modo, são quase como tempos mortos, tempos a evitar numa viagem que se pretende aliciante na medida do seu percurso; sentir sempre uma tendência para o desenho (através do seu apelo primário, gutural) é muito mais excitante do que executar um desenho propriamente dito... isto libertou-nos dessa condição de representar. O movimento que tende para o desenho representava-se a si próprio, há uma imponência nesse e desse ponto de vista e não era necessária nenhuma outra. Neste sentido, quando começamos a intervir nas imagens, houve um desprendimento de ordem mais experimental e menos conciso, que de certo modo, para usar o jargão apropriado, corresponde a uma “marcha à ré”. Apagar a figura humana na paisagem caótica, naquele dédalo que é o armazém enquanto cemitério ou depósito de objectos, significou, é claro, subtrair um elemento central da história da representação em arte, a figura humana... o que se apresenta então nas intervenções sobre imagens fotográficas é por vezes mais próximo do apagamento, outras da rasura, mas já nada de muito focado está a ser representado para além desse gesto. O que permite também uma força crescente em outros elementos presentes ou descobertos nas imagens, bem como nas leituras mais amplas decorrentes desse processo.

arq|a: O desenho da exposição, a relação entre as obras e a opção de montagem também é muito interessante. O percurso expositivo pressupõe a observação de diferentes apropriações de uma imagem/acontecimento, um recuo entre peças de formato e escalas diferentes, instâncias de ocultação, visibilidade e invisibilidade. Ou seja é um projecto que tanto se caracteriza pela homogeneidade como pela heterogeneidade, ou pela descontinuidade. Interessou-vos esse aspecto?

NR&RF: Sim, e de forma muito clara. De certa maneira, essa fragmentação vem dar eco ao espaço de armazém onde localizamos a performance com os artistas. Do magma inicial que ocupa as imagens que registamos, não é muito perceptível uma ideia de agrupar, de coordenar, que está presente na forma como os diversos objectos vão ocupando aquele espaço. Mas uma atenção maior às nossas peças vai fazendo com que isso seja descoberto. Está presente, passa de invisível a visível. Os jogos vão acontecendo tal como os descreves, remetendo sempre para a nossa própria experiência daquele lugar, mas também certamente reflectem outras formas de acontecimento. Desde logo, as nossas, enquanto artistas que procuram dar resposta a formas intermitentes de inquietação: fazer o quê, porquê, para quem, etc. São questões que encontram formas diferentes quando estamos a trabalhar como Ferrão/Ramalho. Há uma fragmentação que possibilita outras combinações. É um pouco como se estivéssemos a desdobrar uma única ideia pelo prazer que essa explosão possa trazer, ainda mais quando não se encontra sujeita a restrições. Ainda que a exposição seja aparentemente sóbria, tudo ali gira em torno do agitar, incluindo o próprio

exercício de contemplar os trabalhos, que não pretendemos encerrado, ou “sólido”. O sobressalto faz parte do projecto e esteve connosco desde o início. É claro, este não é um sobressalto da ordem do directo, à superfície... quisemos ensaiar alguma coisa mais funda.

arq|a: Vendo os trabalhos que apresentam é notória também uma certa dimensão imaterial, de leveza, em muito ligada à utilização de materiais como os cartazes fotocopiados, fotografias, transparências, desenhos. Através do percurso da exposição o grande cartaz, por exemplo, parece deslizar da parede até ao chão. Podem explicar como é que se deu a intervenção no espaço. De que modo pensaram nesta lógica de apropriação criativa do espaço?

NR&RF: Voltando a uma instância da concepção/fabrico... Há uma certa monumentalidade naquele depósito de móveis. Mas se colocássemos a questão enquanto monumento, seria um monumento de pequenos nadas, ou melhor, de banalidades. Talvez não fosse mal dizer, um monumentalmente banal. A deambulação entre o ampliado e o reduzido traduz de certa forma essa contradição inerente ao monumentalmente pouco, ou uma futilidade monumental, na maior parte dos casos. É uma sensação comum, hoje, que a mesquinhez – para pôr as coisas no quotidiano – tome proporções desmedidas, e que aquilo que se apresenta com escalas impressionantes se revele um vazio de pertinência. Mas isto é uma observação que decorre do espaço que acolheu a sessão fotográfica. Quando passamos à montagem da exposição propriamente dita, e aí há já uma implicação das características materiais dos objectos, os procedimentos implicaram os suportes; são suportes *naturais*. Por exemplo, o suporte das imagens fotográficas, as que tem uma escala menor e onde acontecem os desenhos de forma visível, é um papel que existe no mercado para o efeito, e é por nós seleccionado de um rol de hipóteses por permitir a intervenção com meios riscadores. O papel de fotocópia é igualmente um acontecimento natural. Trabalhamos a fotocópia como um meio e a ampliação ou, se quisermos, a amplificação, como fim. Portanto, porque não utilizar o papel com que na melhor das economias isso é possível?... Estes acontecimentos, as implicações mútuas entre a “necessidade de” e as técnicas disponíveis implicaram os resultados materiais que vês na exposição. E são naturalmente sempre papel... como na caricatura de uma exposição de desenho que se preze. Para mais, há um espelho distorcido lançado sobre o desenho... por exemplo, o preto e branco que os cartazes afirmam ultrapassa a questão fotográfica, pode funcionar simultaneamente como evocação e subversão da tinta da china, ou grafite ou carvão sobre o papel branco... Atrás falamos de uma ideia de navegação, e isso relaciona-se também com o modo como se encontra o trabalho disposto no espaço da FCC. Se reparares, os títulos tem mais ligação com a colocação dos objectos no espaço do que propriamente com o conteúdo imagético dos mesmos. Por exemplo, uma colocação mais ordeira e até recomposta, como no caso dos desenhos intervencionados em duas impressões distintas com origem numa mesma imagem, e em que uma, aquela que tem cor, está rasgada.



Nuno Ramalho & Renato Ferrão, "O Achado", 2009. Tinta da china s/ impressão a jacto de tinta. 26 x 39 cm



Nuno Ramalho & Renato Ferrão, "Navegação à vista III" e "Navegação à vista IV", 2009. Fotocópia s/ papel. Dimensões variáveis. Fotografia: Nuno Moreira Inácio

A forma como esse trabalho, intitulado "Mapa II", foi resolvido, invoca um certo carácter em torno da ideia de mapa... como o documento que foi rasgado, dividido, fragmentado, e que precisa de ser completo. Num outro caso, deparamo-nos com uma folha de papel vegetal impressa que guarda vestígios de ter sido amarrotada, colocada no chão num gesto aparentemente negligente, de abandono ou desprezo, tal qual como num estúdio aconteceria, tem como título "Austra", o que possivelmente vai despertar outros fantasmas... Há uma ordem de valorização no título contrária à situação de uma folha de papel atirada ao chão. Este título

remete a uma descoberta, a algo que necessariamente valorizamos. Portanto os títulos, muito associados a essa noção de leveza que aponta, acabam por apontar outras direcções à exposição, ao modo como ela existe no espaço. Mas há igualmente que considerar uma vontade, a nossa, de interceptar o espaço, de o fazer ser parte da exposição, de o trabalhar literalmente sem contudo quase lhe tocar. Tudo conflui para uma dinâmica que se inscreve também no conceito de instalação, e foi isso que procuramos pensar ao ocuparmos as salas daquele espaço, que fica naquele lugar, e que existe sob determinado signo. ■